



**ENAN  
PUR 2023**  
Belém 22 a 26 de maio



## Migração internacional e circuitos da economia urbana em Fortaleza – CE<sup>1</sup>

**Elidiane Silvia Ferreira**  
Universidade Estadual do Ceará

### Sessão Temática 01: Crise e reestruturação do espaço urbano e regional no Brasil

**Resumo.** Este texto tem por objetivo analisar a migração chinesa no centro da cidade de Fortaleza (CE) e sua articulação com as atividades econômicas vinculadas aos circuitos da economia urbana. Para tanto, fez-se necessário investigar características dos movimentos migratórios desenhados no período atual, sobretudo as que se referem à migração dos chineses para as cidades brasileiras, em especial para Fortaleza. Neste sentido, consideramos alguns elementos que nos permitiram identificar na paisagem fortalezense os migrantes de nacionalidade chinesa, entre eles: a presença do migrante dentro do estabelecimento comercial, a fachada e os cartões de visitas das lojas, além dos produtos e das formas de pagamento oferecidos aos consumidores. Ao final, ressaltamos que o estudo desta temática é de grande importância para o estudo da Geografia das Migrações que no presente século adquiriu novas formas, bem como para o entendimento de dinâmicas territoriais que entrelaçam o território brasileiro à uma economia globalizada.

*Palavras-chave.* Migração internacional; circuitos da economia urbana; chineses; Fortaleza.

#### International migration and urban economy circuits in Fortaleza - CE

**Abstract.** This text aims to analyze the Chinese migration in the city center of Fortaleza (CE) and its articulation with the economic activities linked to the circuits of the urban economy. Therefore, it was necessary to investigate characteristics of migratory movements drawn in the current period, especially those that refer to the migration of the Chinese to Brazilian cities, especially to Fortaleza. In this sense, we consider some elements that allowed us to identify in the landscape strengthen the migrants of Chinese nationality, among them: the presence of the migrant inside the commercial establishment, the facade and the business cards of the stores, products and forms of payment offered to consumers. In the end, we conclude that the study of this theme is of great importance for the study of the Geography of Migration that in the present century has acquired new forms, as well as for the understanding of territorial dynamics that intertwine the Brazilian territory to a globalized economy.

*Keywords:* International migration; urban economy circuits; Chinese; Fortaleza.

#### Migración internacional y circuitos de la economía urbana en Fortaleza - CE

**Resumen.** Este texto tiene por objetivo analizar la migración china en el centro de la ciudad de Fortaleza (CE) y su articulación con las actividades económicas vinculadas a los circuitos de la economía urbana. Para ello, se hizo necesario investigar características de los movimientos migratorios diseñados en el período actual, sobre todo las que se refieren a la migración de los chinos hacia las ciudades brasileñas, en especial hacia Fortaleza. En este sentido,

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará – PROPGEO/UECE, pelo Laboratório de Estudos em Geografia Cultural (LEGEC) e fomentada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

*consideramos algunos elementos que nos han permitido identificar en el paisaje fortalezense a los migrantes de nacionalidad china, entre ellos: la presencia del migrante dentro del establecimiento comercial, la fachada y las tarjetas de visita de las tiendas, además de los productos y formas de pago ofrecidos a los consumidores. Al final, decimos que el estudio de esta temática es de gran importancia para el estudio de la Geografía de las Migraciones que en el presente siglo adquirió nuevas formas, así como para el entendimiento de dinámicas territoriales que entrelazan el territorio brasileño con una economía globalizada.*

*Palabras clave: Migración internacional; circuitos de la economía urbana; chinos; Fortaleza.*

## **1. Introdução**

Dadas as mudanças econômicas, sociais e políticas vinculadas à economia mundo e materializadas nos territórios nacionais, este texto prima por entender a migração chinesa e os circuitos da economia urbana no município de Fortaleza (CE).

A migração chinesa para o Brasil apresenta uma trajetória histórica, sendo que os primeiros migrantes chegaram no país em fins do século XIX para trabalhar em atividades agrícolas e comerciais, sobretudo nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde grande parte permaneceu.

Em fins do século XX até os dias atuais, o Brasil recebeu um número considerável de migrante internacional, sendo a migração chinesa, do ponto de vista do volume, uma das mais significativas. No período histórico atual, os chineses se encontram dispersos por todo território brasileiro.

As grandes cidades são os destinos principais deste grupo, mas não podemos deixar de mencionar que recentemente, dado o dinamismo da economia urbana de cidades de diferentes portes e papéis, os chineses também passaram a ser fazer presente nestas cidades, sobretudo para desenvolver atividades vinculadas ao comércio.

No Ceará, de acordo com dados do IBGE (2010) e JUCEC (2000, 2012), a presença chinesa passou a ser notada em fins do século XX e permanece até os dias atuais.

Diante do apresentado, com a perspectiva de entender como as dinâmicas territoriais interferem nos fluxos migratórios, procuramos fazer uma leitura de fenômenos e processos vinculados ao território do ponto de vista econômico, social e político pela via da migração estrangeira no Brasil.

Assim, no primeiro tópico, discutimos sobre os enfoques teóricos que estruturam o fenômeno migratório.

Posteriormente, realizamos uma breve periodização das migrações no Brasil. Para tanto, foi levada em consideração a escala nacional e internacional, bem como o contexto econômico e político que influenciou na emergência dos fluxos migratórios.

Por fim, como exemplo das dinâmicas territoriais existentes no Brasil neste início do século XX que permitem com que coexistam movimentos migratórios internos e internacionais com múltiplos direcionamentos, focamos a discussão para compreender a presença da migração chinesa no território cearense, sobretudo em Fortaleza e a relação com as atividades econômicas desenvolvidas por estes sujeitos migrantes.

## **2. Os movimentos migratórios a partir da ciência geográfica**

No decorrer da história humana, o deslocamento sempre foi uma necessidade para o homem, que se deslocou ao fugir de conflitos civis, guerras, escassez de alimentos ou simplesmente à procura de melhores condições de sobrevivência.

A ele sempre foi imposta a condição de migrar, de se deslocar, percorrer e se adaptar aos novos lugares em busca dos meios que lhe garantissem a vida.

O Brasil, um país constituído historicamente pela migração internacional e interna, adentra ao século XXI com a preocupação de continuar a interpretação acerca das dinâmicas territoriais que

permitem a movimentação de pessoas, todavia, neste período, faz-se necessário levar em conta que o território é organizado e normatizado não apenas por agentes locais, mas também por agentes econômicos que atuam na escala global, gerando assim mais complexidades para interpretação, entre outros, do fenômeno migratório e dos sujeitos em movimento – os migrantes.

Para o glossário do Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH, fundado em 1999, pode ser caracterizado migrante toda a pessoa que se transfere de seu lugar habitual ou de sua residência comum para outro lugar, região ou país.

A palavra migração provém do latim *migratio*, que significa “mudar de habitação, passar de um lugar para outro, ir-se embora, sair”.

Para Goettert (2010), migrante é aquele que parte e aquele que chega, sendo, no movimento da migração e entre lugares, o mesmo/outro, simultaneamente.

Becker (1997), faz uma abordagem sobre os deslocamentos que acontecem em diversos contextos, ao longo do tempo e em escalas espaciais diferentes. Para a autora, a migração, enquanto fenômeno pode ser definida como mobilidade espacial da população. No entanto, é preciso lembrar que nem toda mobilidade é migração. Como afirma Goettert (2010),

A migração implica necessariamente a mobilidade espacial de pessoas de um para outro lugar, enquanto a mobilidade (de capital, por exemplo) pode significar a instalação de uma fábrica em um dado ponto do território podendo ou não (re)direcionar movimentos migratórios, mesmo que implique na formação ou na redefinição de territorialidades (GOETTERT, 2010, p.15).

Outra questão colocada por este autor é que nem toda mobilidade do trabalho significa mobilidade da força de trabalho. A primeira pode se referir à mobilidade de pessoas, mercadorias, informações e do próprio capital; a última se refere sempre à migração de trabalhadores.

No capitalismo, difunde-se a ideia de que o homem é livre para vender sua força de trabalho, no entanto, pensamos ser necessário refletir sobre essa liberdade. Concordamos com Bomtempo (2003), quando a autora afirma que a venda da força de trabalho é uma falsa liberdade, pois o capital não se reproduz de maneira homogênea em todos os territórios e lugares.

Para o sistema capitalista, essa liberdade é mais um desprendimento das barreiras e dos empecilhos que o trabalhador encontra em seu percurso para chegar até ele. A migração, nesse contexto, passa a ser indispensável para a reprodução do capital. Sob essa ótica, com vistas a atender aos desígnios da reprodução capitalista, o trabalhador modifica suas relações sociais, perde vínculos territoriais e inicia um constante processo de adaptação que dificilmente se encerra, devido, entre outros, a característica do próprio sistema, que na sua essência é desigual e combinado e por isso não se materializa da mesma maneira ao mesmo tempo em todos os lugares, contribuindo assim para coexistência de múltiplos fluxos migratórios ao longo do tempo.

Na Geografia, diversas são as perspectivas possíveis de interpretação acerca dos movimentos migratórios. Porém, foram as abordagens vinculadas às interpretações positivistas, predominantes até a década de 1970 e as desenvolvidas a partir deste período, mas que primaram por entender as migrações pelos enfoques a) do indivíduo e a partir das subjetividades; b) da classe, considerando os desequilíbrios estruturais e conjunturais, que mais se fizeram presentes na leitura da migração pelo olhar geográfico.

Ravenstein (1885), foi um dos primeiros autores a formalizar uma teoria para explicar e caracterizar os movimentos migratórios. A partir desta perspectiva teórica de interpretação da realidade, este teórico analisou a migração interna dentro do contexto da Revolução Industrial na Inglaterra e destacou fatores de atração das cidades que culminou na elaboração das chamadas “Leis da migração”, o que generalizou o fenômeno de deslocamento populacional.

Ao tomar como referência o que havia sido produzido por Ravestein, Lee<sup>2</sup> (1966), ofereceu aos estudos sobre mobilidade da população, um novo paradigma formado por um conjunto de fatores negativos e positivos nas áreas de origem e destino do migrante. Neste paradigma, foram formuladas uma série de hipóteses sobre o volume das migrações, sob condições variadas, além do desenvolvimento de fluxos e refluxos populacionais, bem como as características gerais dos migrantes.

Apesar da abordagem clássica apresentar um desenvolvimento em seus estudos, a partir dos referenciais apresentados, pode-se perceber que interpretações foram realizadas considerando uma visão descritiva e dualista da realidade migratória. Tais autores consideravam o ato de migrar enquanto uma decisão de caráter individual e nesta perspectiva, o deslocamento do indivíduo era medido a partir de dois pontos no espaço, ou seja, a partida e a chegada.

A partir de meados da década de 1970, o fenômeno migratório passou a ser analisado tanto pelos pressupostos que considerava as subjetividades vinculadas ao ato de migrar, como também as materialidades, resultantes de processos contraditórios delineados historicamente que impulsionaram as migrações em múltiplas escalas. Assim, contrário à teoria com enfoque positivista, Gaudemar (1977), compreendeu a migração enquanto mobilidade forçada pelas relações capitalistas. Vejamos:

Se se afirmou que o capitalismo começava com a exploração da força de trabalho, é necessário acrescentar que ele só poderia nascer uma vez que o trabalhador tivesse adquirido esta mobilidade. (...) A mobilidade da força de trabalho surge então como uma condição necessária, se não suficiente, da gênese do capitalismo e como um índice do seu desenvolvimento (GAUDEMAR, 1977, p. 192).

O migrante, de acordo com a perspectiva ora apresentada, é atraído ou expulso conforme os interesses dos agentes econômicos que atuam de maneira hegemônica. Nesse sentido, concordamos com Heidemann (2004), de que ser migrante no mundo contemporâneo é uma condição comum, ou seja, para este autor, “[...] a mobilização forçada é resultado do processo de modernização e característica da organização social moderna” (HEIDEMANN, 2004, p. 36).

Há ainda as interpretações que vão além das questões econômicas e sociais e que consideram as dimensões simbólicas e culturais. Estas veem a migração por meio das relações dos sujeitos e o migrante é visto como um ser de lugares pois pode estar em um lugar num instante e ao mesmo tempo se sentir pertencente a outro.

Ao considerar que no período atual, a configuração de redes técnicas materiais e imateriais permite de acordo com Santos (1996), um intenso fluxo de mão de obra, mercadorias e informações de maneira multiescalar, é possível afirmar que os movimentos migratórios podem ser analisados a partir de múltiplos agentes e escalas geográficas. Dentre elas, de acordo com Becker (1997), destaca-se a metropolitana, a intra-regional, a inter-regional e a global.

Ressaltamos neste trabalho os movimentos migratórios vinculados à escala global, tendo em vista a significativa entrada de migrantes internacionais (trabalhadores e investidores) no Brasil neste início do século XXI.

### 3. O Brasil e a migração chinesa

A migração internacional surge no seio da sociedade brasileira como parte integrante do processo de formação do território.

---

<sup>2</sup> LEE, E. S. "A Theory of Migration", *Demography*, 3, 1 (1966), pp. 47-57; reproduzido em David M. HEER, *Readings on Population*, Englewood Cliffs, N. J. (1968), pp. 181-193. Seis de las hipótesis de Lee se refieren al volumen de migración; seis a la existencia de corrientes y contracorrientes migratorias, y siete a características diferenciales de los migrantes.

A primeira grande leva de migrantes que chegou ao Brasil em fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX veio para desempenhar principalmente, atividades laborais agrícolas, vinculadas, sobretudo ao cultivo do café, principal gênero de exportação do período mencionado. Antes da chegada destes migrantes, a principal mão de obra utilizada na agricultura de exportação do país era composta por escravos, todavia este fato começou a mudar a partir de 1850, quando houve a abolição da escravatura.

A falta de mão de obra nas lavouras brasileiras fez com que o país repensasse e discutisse sobre a utilidade do migrante no território brasileiro, em paralelo a isso, a Europa passava por intensas transformações das forças produtivas e devido à expansão das relações capitalistas, muitos agricultores e artesãos foram expropriados de suas terras contribuindo, assim, para o processo de migração no e para o Brasil.

De acordo com Costa (1999), em meados do século XIX vários migrantes europeus entraram no país entre as décadas de 1870 e 1900, entretanto foi no período posterior à abolição que a migração teve maior destaque. Segundo dados obtidos pela autora, somente o estado de São Paulo recebeu entre os anos de 1890 e 1901, cerca de setecentos mil colonos.

No Estado de São Paulo, a população migrante foi destinada para as áreas produtoras de café. Além de São Paulo, os estados do Sul do Brasil, sobretudo Rio Grande do Sul recebeu uma parte significativa dos migrantes europeus. O objetivo era povoar aquela região e conseqüentemente definir as fronteiras do território brasileiro.

Convencidos pelas políticas feitas, entre outros, para atender às demandas dos fazendeiros e agentes de migração, os migrantes viram no Brasil uma opção para atingirem uma mobilidade econômica, sobretudo a partir da aquisição de terras.

Diferentemente dos migrantes que adentraram o território brasileiro no período anterior, os migrantes estrangeiros que chegam atualmente no Brasil, inserem-se no mercado de trabalho a fim de realizar atividades urbanas, que exigem ou não qualificação profissional. Entre os movimentos migratórios que articulam a escala internacional e se materializam no território brasileiro no período atual, destacam-se: as migrações de fronteira e as migrações intercontinentais.

No que concerne às migrações de fronteira, de acordo com Baeninger (2012, 2018 a, b), o Brasil tem presenciado, principalmente a partir da segunda metade do século XX até os dias atuais, uma intensa migração de latino-americanos. A migração boliviana já é histórica, mas a migração de peruanos, colombianos e venezuelanos para desenvolver atividades urbanas é uma das mais recentes.

Além da migração fronteiriça de latinos para o Brasil, de acordo com Vilela (2008), verifica-se, neste período, um aumento da migração intercontinental, sobretudo de pessoas oriundas dos países europeus, africanos e asiáticos.

Atrela-se, de maneira geral, à intensificação dos fluxos, por um lado, a dinamização da economia brasileira, por outro lado, um período conjuntural de instabilidades econômicas que atingiu os países de origem desses migrantes.

Neste período mencionado (fins do século XX e início do século XXI), entre os movimentos migratórios internacionais de maior intensidade, do ponto de vista da circulação de pessoas e dos impactos causados por tal fenômeno, destaca-se a migração de chineses para as cidades brasileiras a fim de trabalhar em atividades comerciais vinculadas ao circuito inferior e superior da economia urbana.

De acordo com Chen (2010), assim como os mais antigos migrantes do extremo oriente que vieram para o Brasil, os chineses chegaram no país por volta de 1810, sendo direcionados para o trabalho agrícola, principalmente para o cultivo de chá no Rio de Janeiro. No entanto, essa primeira tentativa de adoção de mão de obra chinesa não teve êxito. Ainda de acordo com o autor, no

Brasil, a maior parte dos migrantes chineses é originária das províncias do litoral no sul da China, tais como Guangdong (Cantão), de Fujian e de Taiwan (Formosa).

Ao chegar no Brasil, consoante a Chen (2010), a divisão do trabalho entre os migrantes chineses levava em consideração a sua origem e condição econômica. Os migrantes com menos condições econômicas eram direcionados para o trabalho agrícola, aqueles que dispunham de condições econômicas um pouco melhor, eram direcionados para as atividades urbanas, principalmente comerciais.

Ao longo do século XX e principalmente a partir da década de 1990, a presença de chineses na economia urbana passou a ser destaque. Eles migraram não só para o Brasil, mas para muitas cidades vinculadas diretamente à economia mundo, como por exemplo: Nova York, Paris, Milão, Londres, Amsterdã, Cidade do México, Buenos Aires, São Paulo, entre outros.

De acordo com Cunha e Mello (2006) ao chegar no século XXI, a migração de chineses no Brasil ganhou características diferentes em comparação ao final do século XIX e início do século XX. No século XXI as relações entre Brasil e China se estreitaram através de seus laços diplomáticos que eclodiu com a participação de ambos no BRICS que passou a ser um agrupamento político em 2006 e atualmente é composto por cinco países: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

Desde então foram muitas visitas e acordos realizados entre eles e gostaríamos de ressaltar neste trabalho dois deles. Uma declaração conjunta que eles assinaram em Brasília em um encontro realizado no período de 18 a 21 de maio de 2015 com assuntos pertinentes a migração.

Os dois Chefes de Governo congratularam-se pela entrada em vigor em ambos os países do Tratado entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China sobre Auxílio Judicial em Matéria Civil e Comercial e do Tratado de Extradicação entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China e destacaram os esforços conjuntos para ampliar a rede de acordos e medidas de cooperação jurídica bilateral, nas áreas migratória e de documentos de viagem. Reiteraram o compromisso de facilitar, em base de reciprocidade, a concessão de vistos a nacionais do outro país (Declaração conjunta entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China alusiva à visita do Primeiro-Ministro do Conselho de Estado, Li Keqiang).

Brasil e China reafirmaram assuntos consulares e de imigração bilaterais em visita realizada pelo Primeiro-Ministro da República Popular da China, Li Keqiang, em 19 de maio de 2015 e assinaram uma declaração convencionando algumas questões, dentre elas, uma que diz respeito a imigração.

Trocar informações sobre as respectivas práticas em matéria de vistos, taxas para documentos consulares, proteção de nacionais no exterior, e imigração; continuar a monitorar a implementação do acordo para a simplificação dos procedimentos de solicitação de vistos para empresários; discutir a possibilidade de que sejam adotadas medidas para simplificar os procedimentos para a solicitação de vistos para turistas; promover coordenação entre as autoridades competentes dos dois países para facilitar a circulação de pessoas nos dois sentidos; e tomar medidas concretas para proteger a segurança, os direitos legítimos e interesses dos cidadãos da outra Parte no seu próprio território, em conformidade com suas respectivas legislações nacionais (Declaração conjunta entre o governo da República Federativa do Brasil e o governo da República Popular da China alusiva à visita do Primeiro-Ministro do conselho de Estado, Li Keqiang, 19 de maio de 2015).

Somado aos muito acordos também havia políticas internas que o país vinha implementando para buscar investimentos do exterior e que atraiu com intensidade muitos empreendedores, dentre eles, os chineses que já ensaiavam uma abertura econômica em seu país. Entre essas políticas estavam a resolução normativa nº. 84, de 10 de fevereiro de 2009, aonde o Ministério do Trabalho e Emprego poderá autorizar a concessão de visto permanente ao estrangeiro que pretenda se fixar no Brasil com a finalidade de investir recursos próprios de origem externa em atividades produtivas. Esta autorização ficará condicionada à comprovação de investimento, em moeda estrangeira, em montante igual ou superior a R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais).

Essa resolução foi revogada em 2015, e substituída pela resolução normativa nº 118, de 21 de outubro de 2015, quando ficou acordado que o Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS poderá autorizar a concessão de visto permanente ao estrangeiro que pretenda se fixar no Brasil com a finalidade de investir recursos próprios de origem externa em atividades produtivas, e ainda, a autorização para concessão de visto permanente ao estrangeiro ficará condicionada à comprovação de investimento, em moeda estrangeira, em montante igual ou superior a R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), mediante apresentação de Plano de Investimento. O reajuste só foi efetuado após 6 anos de acordo.

Não podemos deixar de ressaltar que essas políticas foram implementadas nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff que tinham entre os muitos objetivos de seus governos, o de promover a abertura econômica no país.

Os migrantes chineses que chegam ao país no atual período histórico agora se beneficiam de acordos realizados entre Brasil e China e em condição de migrante investidor até mesmo são incentivados por políticas que simplificam e facilitam com vantagens como a facilidade a autorização a concessão de visto, inclusive a de visto permanente. Eles possuem um alto grau de mobilidade e chegam ao país não apenas como mão de obra barata, mas igualmente como empreendedores. Dispõem de recursos próprios, como também têm a possibilidade de adquirir recursos advindos de programas políticos de atração de investimentos externos.

Atualmente, além da cidade de São Paulo, verifica-se a presença de migrantes chineses em várias cidades brasileiras que possuem papéis diferenciados na rede urbana, entre elas se destacam: Vitória da Conquista (BA), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ), Curitiba (PR) Foz do Iguaçu (PR), Cascavel (PR), Fortaleza (CE), entre outras. Esses sujeitos em mobilidade, de acordo com Vilela (2008) desenvolvem atividades comerciais no centro das cidades, contribuindo assim para que seja desenvolvida uma economia urbana da migração, ou seja, organizada e controlada pelos migrantes.

O Ceará, que historicamente presencia a migração de sua população para outras áreas do território, neste início do século XXI participa dos fluxos migratórios como um estado que atrai migrantes originários de estados da própria região Nordeste, como de outras regiões do Brasil. Além disso, de acordo com dados da Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC), o Ceará tem uma população de migrantes investidores bastante significativa, principalmente europeus (portugueses, italianos e espanhóis) e asiáticos (chineses e coreanos).

#### **4. A inserção dos chineses no comércio cearense e sua relação com os circuitos da economia urbana**

Nos últimos doze anos, a quantidade de estabelecimentos registrados na Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC) de responsabilidade dos chineses, cresceu num ritmo acelerado, principalmente a partir do século XXI.

De acordo com os dados obtidos através da JUCEC no ano de 2000 existiam no Ceará apenas 13 empresas registradas englobando as cidades de Fortaleza e Guaiúba. Em 2012 a quantidade desses estabelecimentos saltou para 268 englobando além de Fortaleza e Guaiúba, as cidades de Juazeiro do Norte, Sobral, Crato, Iguatu e Maracanaú. Apesar do grande crescimento desses estabelecimentos no Ceará, é em Fortaleza que eles se concentram, conforme Quadro 01.

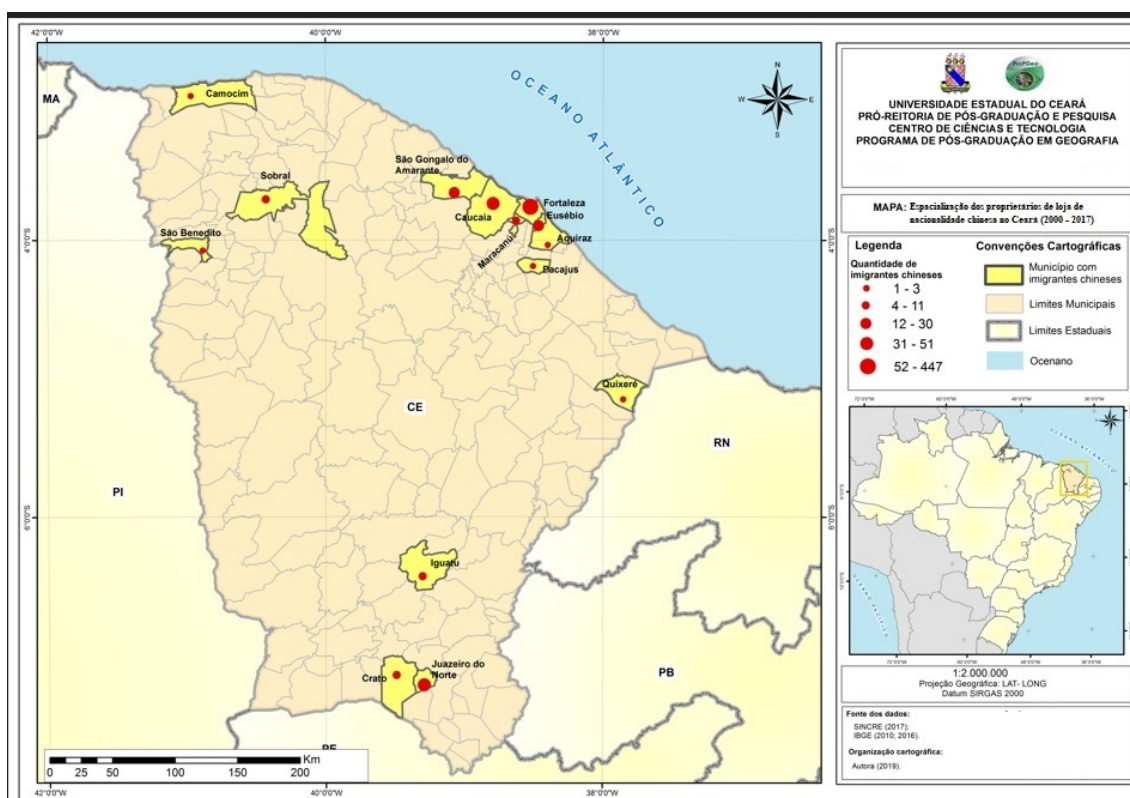
Quadro 1: Estabelecimentos registrados por chineses na JUCEC, por municípios do Ceará (Fonte: JUCEC, 2012. Elaborado pela autora.)

<b>ESTABELECEMENTOS REGISTRADOS POR CHINESES NA JUCEC, POR MUNICÍPIOS DO CEARÁ</b>	<b>2000</b>	<b>2004</b>	<b>2008</b>	<b>2012</b>
Fortaleza	10	55	102	246

Juazeiro do Norte	-	-	2	10
Sobral	-	-	2	6
Guaiúba	3	3	3	3
Crato	-	-	1	1
Iguatu	-	-	-	1
Maracanaú	-	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>58</b>	<b>112</b>	<b>268</b>

Verificamos, de acordo com os dados do Quadro 01, que a expansão das atividades comerciais atreladas à migração dos chineses, articula de maneira mais intensa a metrópole Fortaleza, mas que na escala temporal analisada, entrelaça também municípios que desempenham funções regionais como Juazeiro do Norte e Sobral.

Além de Fortaleza, Sobral e Juazeiro do Norte, os chineses desenvolvem atividades econômicas ligadas ao comércio em municípios da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), tais como: Maracanaú e Guaiúba e pequenas cidades que, na rede urbana cearense, apresentam papel polarizador, tais como: Crato e Iguatu e é possível constatar também que, enquanto o número de estabelecimento nas demais cidades do Ceará cresce num ritmo um pouco mais lento, em Fortaleza, esse crescimento é mais acelerado, e se atrela principalmente aos circuitos da economia urbana, sobretudo ao circuito superior marginal, conforme conseguimos verificar com a realização da pesquisa empírica, conforme aponta o Mapa 01.



Mapa 01: Espacialização dos imigrantes chineses no território cearense (2000 a 2017). Fonte: SINCRe (2017) organizado pela autora, 2019.

O crescimento da migração chinesa no Estado (tanto do ponto de vista do número de pessoas, como das atividades econômicas desenvolvidas) é também comprovado empiricamente ao



percorrer o Centro das cidades mencionadas. É notória a presença desses migrantes como proprietários de lojas, donos de restaurantes, trabalhadores e consumidores.

No Centro de Fortaleza, de acordo com Ferreira (2016) e Ferreira e Bomtempo (2018), foi constatada a presença dos chineses em atividades comerciais ligadas aos circuitos superior, superior marginal e inferior da economia urbana.

Estes circuitos surgiram da divisão que existe na sociedade urbana dos países em desenvolvimento onde estão inseridos diferentes circuitos de produção, distribuição e consumo e o que diferencia esses circuitos são os diversos graus de tecnologia, organização e capital que eles utilizam. Entretanto, eles não se constituem como sistemas fechados, apresentam relações de subordinação, concorrência e complementaridade (MONTENEGRO, 2013).

De acordo com Santos (2008), no circuito inferior se desenvolvem atividades de pequena dimensão, geralmente ligadas à população pobre. São atividades relacionadas à fabricação tradicional, transportes tradicionais e prestação de serviços. Este circuito é representado por atividades que nem sempre são reconhecidas pelo Estado, por serem, muitas vezes vinculadas ao comércio de rua e por possuírem baixo grau de capital e produtividade que Santos (2008), definiu como sendo,

O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não – “capital intensivo”, pelos serviços não-modernos fornecidos “a varejo” e pelo comércio não moderno de pequena dimensão (Santos, 2008, p. 40).

Da modernização tecnológica e seus atrativos, surgiu o circuito superior, representado por corporações globais, serviços de alta tecnologia e informações, sendo compostos por bancos, comércio, e indústria de exportação, bem como indústria e serviços modernos que são resultantes do processo de modernização que atinge o território nacional (SANTOS e SILVA, 2013).

Esse circuito se divide em dois: o circuito superior propriamente dito e o circuito superior marginal constituído de formas menos modernas que tem ao mesmo tempo um caráter residual e um caráter emergente, como aponta SANTOS (2008),

O circuito superior marginal pode ser o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades totalmente moderna. Essa demanda pode vir tanto de atividades modernas, como do circuito inferior (Santos, 2008, p.103).

De acordo com Santos e Silva (2013), já o circuito superior possui uma forte articulação com a circulação de mercadorias, crédito formal, como aceitação de cartão de crédito e reconhecimento de seus estabelecimentos pelo Estado. Para Santos 2008,

Simplificando, pode-se apresentar o circuito superior como constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores (Santos, 2008, p. 40).

Ao abrigar os dois circuitos da economia urbana, o centro de Fortaleza é visado tanto por agentes que atuam em atividades do circuito inferior, superior marginal e superior.

Vale ressaltar que as empresas pertencentes ao circuito superior marginal da economia urbana enfrentam com maior facilidade os encargos, tais como impostos e contribuições ao seguro social, já que os salários pagos aos seus empregados são inferiores aos das grandes firmas, ao mesmo tempo em que liberam mão de obra para o mercado de trabalho, o que faz com que os salários sejam menores, e ao mesmo tempo, despesas com publicidades geralmente são pequenas. Todos esses motivos elencados fazem com que o circuito superior marginal garanta seu lugar no mercado (SANTOS, 2008).

Para Santos,

O circuito superior marginal pode ser o resultado da sobrevivência de formas menos modernas de organização ou a resposta a uma demanda incapaz de suscitar atividades

modernas. Essa demanda pode vir tanto de atividades modernas, como do circuito inferior (Santos, 2008, p.103).

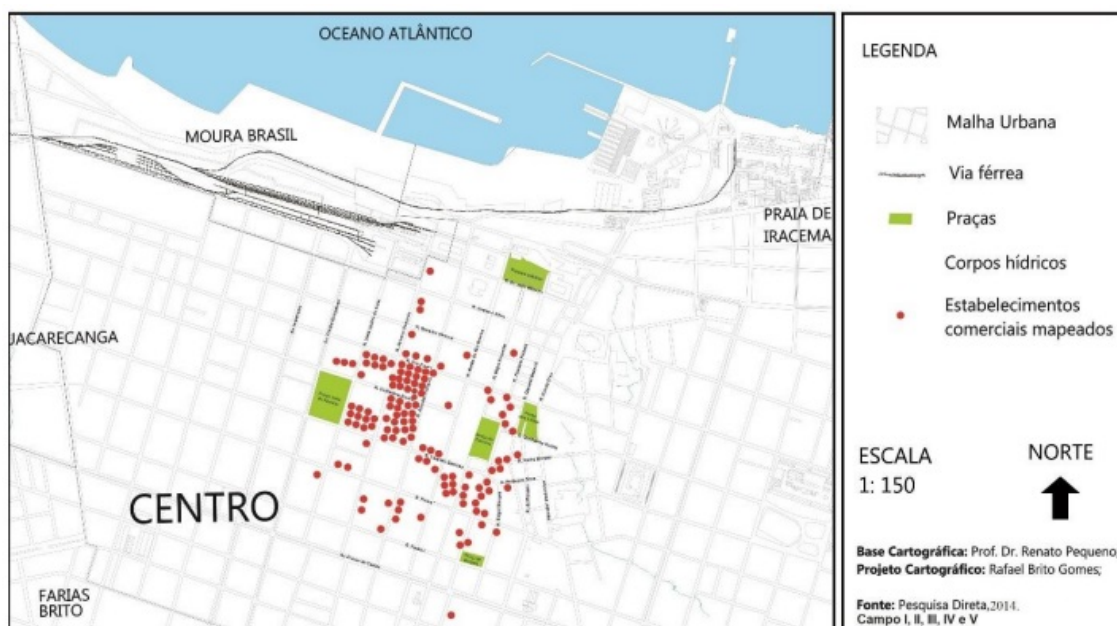
Inseridos no circuito inferior e superior marginal da economia urbana, os chineses chegaram no centro da cidade de Fortaleza em fins do século XX e permanecem até os dias atuais. Anterior à chegada dos chineses, o Centro era preponderantemente composto por comerciantes locais. De acordo com dados obtidos na JUCEC (2012), os estabelecimentos registrados por migrantes chineses em Fortaleza estão localizados em bairros com atividades comerciais, como é o caso de bairros como Aldeota, Maraponga, Papicu, Meireles, Messejana e Outros (cartograma 01), mas grande parte se encontra localizado no Centro da cidade – nas ruas e galerias comerciais.



Cartograma 01: distribuição dos estabelecimentos comerciais registrados por migrantes chineses em Fortaleza (Organizado pela autora, 2015. Arte Cartográfica: BRITO, Rafael).

Também podemos perceber que apesar de haver uma espacialização deles na cidade, é no bairro Centro que se concentram, principalmente nas ruas de maior fluxo comercial como a Floriano Peixoto, Major Facundo, Guilherme Rocha, Senador Pompeu, General Sampaio e Vinte Quatro de Maio.

Durante a pesquisa empírica realizada no centro de Fortaleza, foram visitados 135 estabelecimentos cujos proprietários são de nacionalidade chinesa e que se encontram distribuídos entre as principais ruas do comércio fortalezense, conforme pode ser verificado no mapa 02.



Mapa 02: Espacialização dos estabelecimentos comerciais cujo proprietário é de nacionalidade chinesa e que foram visitados durante o ano de 2013 e 2014. (Fonte: pesquisa direta. Organizado pela autora)

Com o objetivo de nortear os elementos a serem observados em campo elaboramos um roteiro que foi construído a partir de visitas realizadas na área de estudo. Este roteiro foi composto de informações que foram predeterminadas no período antecedente ao campo e constituíram as variáveis deste trabalho. Munidos deste roteiro, papel, lápis e máquina fotográfica, visitamos o centro deste município, com o intuito de mapeá-los, fotografá-los, anotar seus endereços e observar as variáveis selecionadas, tais como: presença de chineses no estabelecimento; origem da mercadoria vendida; presença e nacionalidade dos trabalhadores encontrados nos estabelecimentos; gênero e quantidade de proprietários e trabalhadores; formas de créditos oferecidas aos clientes; presença da cultura chinesa destacada na decoração, na placa ou através de outros fatores; e localização do estabelecimento comercial.

Posteriormente, essas informações foram catalogadas em um banco de dados e informações, organizado a partir do Excel e confrontados com os aqueles obtidos através da Junta Comercial do Estado do Ceará (JUCEC), órgão que contribuiu e teve um importante papel para a leitura dos movimentos migratórios no território cearense.

Conforme informações obtidas a partir da pesquisa empírica, chegamos à conclusão pelo perfil dos estabelecimentos, delineado através das variáveis, observadas que existe uma vinculação direta entre a migração chinesa no Ceará e o circuito superior marginal da economia urbana, sobretudo vinculadas às atividades comerciais, com destaque para venda de acessórios femininos, tais como: bolsas, utensílios de bijuterias, maquiagem e adereços.

Entre as características que atribuímos ao circuito superior marginal, presente nos estabelecimentos comerciais dos migrantes chineses, destacam-se a estrutura organizacional do estabelecimento, a presença de funcionários, as formas de pagamento realizada em espécie, cheques ou através de cartões de créditos de várias financeiras. Nos estabelecimentos, também são oferecidas notas fiscais, além das lojas estarem registradas no cadastro da JUCEC, portanto, são empresas que recolhem impostos.

A presença dos migrantes chineses é evidenciada na organização de seus estabelecimentos, através da disposição dos produtos, do nome fantasia da empresa, dos artigos de decorações

como a presença de símbolos vinculados à cultura oriental, tais como: leques e bonecas chinesas, conforme Figura 01.



Figura 01: Produtos comercializados pelos imigrantes chineses vinculados à cultura oriental. (Fonte: pesquisa direta. Organizado pela autora, 2012)

O nome fantasia dos estabelecimentos também revela muito sobre a territorialidade desses migrantes no comércio fortalezense, ao ressaltarem símbolos e nomes que reportam à sua cultura, tais como: China Bolsas, Hong Kong Variedades, Lanchonete Dragão do Leste, Made in China Variedades, Taiwan importados, dentre outros, conforme pode ser verificado na Figura 02.



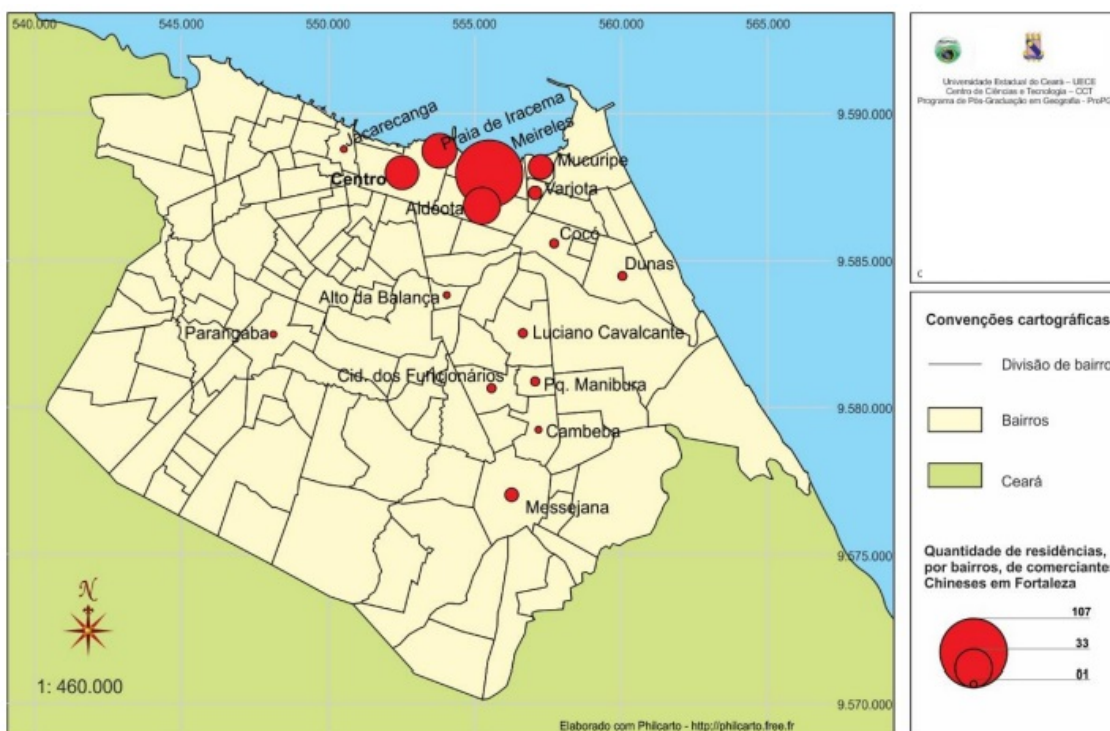
Figura 02: fachada da loja e produtos comercializados pelos chineses. (Fonte: pesquisa direta. Organizado pela autora, 2012)

Com vistas a atingir os objetivos do nosso trabalho, durante a pesquisa empírica, tivemos que adquirir uma postura dinâmica para observar todos os elementos, pois nos estabelecimentos, os chineses, além de permanecerem no controle do caixa, fiscalizam tanto a atuação das vendedoras,

como também o movimento dos clientes e pessoas que passam pelas calçadas em frente aos estabelecimentos.

A presença da família chinesa em seus estabelecimentos é uma constante, desde o integrante mais novo, como crianças de colo, adolescentes, até o patriarca da família, em alguns momentos foi possível encontrar dentro dos estabelecimentos toda a família. De cultura fechada, e com pouco domínio do português, foi muito difícil estabelecer um diálogo com eles. Quando em algum momento tentamos manter uma rápida conversa, alguns ficaram muito tímidos, outros se fecharam e alguns até mesmo foram grosseiros.

Como local de moradia dos chineses, temos a presença desses migrantes em muitos bairros de Fortaleza, entretanto, de acordo com dados obtidos através da JUCEC, eles se concentram entre os bairros do Centro, Mucuripe, Praia de Iracema, Aldeota, com destaque para o Meireles, que abriga 107 residências como pode ser constatado no cartograma 02.



Cartograma 02: distribuição das residências de chineses que possuem estabelecimentos comerciais em Fortaleza. (Organizado pela autora, 2015. Arte Cartográfica: BRITO, Rafael).

Conforme o cartograma 02, os migrantes chineses residentes em Fortaleza não habitam bairros periféricos, como normalmente ocorre com os migrantes estrangeiros, mas sim bairros com boas condições infraestruturais inseridos na Regional II<sup>3</sup> de Fortaleza), reconhecidos por abrigar uma população com alto poder aquisitivo, bem como ter instalado inúmeros serviços modernos, como shoppings centers; clínicas médicas; hospitais; centros de lazer; lojas de informática; concessionárias de veículos importados; redes de livraria etc.

<sup>3</sup> O município de Fortaleza possui sete regiões administrativas - seis Regionais Executivas, mais a Secretaria Regional do Centro de Fortaleza (Sercefór). A Regional II possui um grande adensamento comercial e de serviços, é responsável por uma importante fatia da arrecadação municipal, sendo composta por 20 bairros, dentre eles: Aldeota, Cais do Porto, Cidade 2000, Cocó, De Lourdes, Dionísio Torres, Engenheiro Luciano Calvalcante, Guararapes, Joaquim Távora, Manuel Dias Branco, Meireles, Mucuripe, Papicu, Praia de Iracema, Praia do Futuro I e II, Salinas, São João do Tauape, Varjota, Vicente Pinzon.

Além do mencionado, a regional supracitada, por possuir grande adensamento comercial e de serviços, é responsável por uma considerável parte da arrecadação municipal, já que concentra a imensa maioria dos estabelecimentos do setor de serviços, além de possuir importantes corredores comerciais, como as avenidas, Santos Dumont e Dom Luiz, importantes corredores econômicos que trazem em sua composição um forte setor terciário, composto por atividades de comércio e prestação de serviço.

## 6. Considerações finais

Se em períodos anteriores os grupos humanos se deslocavam em busca de alimentos ou para fugir de guerras e catástrofes, no período atual, em que vivemos numa sociedade capitalista, o homem teve acrescentado a esses motivos uma gama de elementos que só fez aumentar a necessidade de ter mobilidade. Já que, em um mundo desigual, onde o capital pode definir o modo de vida das pessoas, a dinâmica da vida segue o ritmo de um sistema. Assim, a mobilidade significa a única condição para que o homem possa garantir sua sobrevivência ou permanência do seu status social.

No Ceará, o processo migratório, configurado em múltiplas escalas, é bastante eminente, tendo em vista que historicamente os deslocamentos fazem parte de sua história, desde sua formação socioespacial.

Atualmente, o Ceará se destaca no cenário nacional como estado que teve um grande crescimento econômico, atraindo, inúmeros investimentos. É nesse cenário que chega ao Estado os migrantes chineses, que devido a uma série de mudanças econômicas, sociais e políticas em seu país, necessitam migrar em busca de trabalho e melhores condições de vida e escolhem ou são escolhidos por Fortaleza como parte dessa mudança. Esses migrantes asiáticos (chineses) são jovens (homens e mulheres) e trabalham em atividades vinculadas ao circuito superior marginal e inferior da economia urbana.

A migração chinesa no Ceará, mais precisamente no Centro de Fortaleza, é resultado de um processo global e de um sistema que necessita da mobilidade da força de trabalho para atender aos seus objetivos, e que fazem com que trabalhadores do mundo inteiro estejam dentro de um processo migratório, na qual força-os a deixar seu lugar de origem e seguir uma trajetória baseada em suas necessidades de sobrevivência. Portanto, fazem de homens e mulheres mercadorias móveis, fluidas e dispersas para onde o capital desejar, não importando suas relações sociais e tampouco seus vínculos territoriais.

Em Fortaleza, os migrantes chineses se direcionam para as principais atividades comerciais no Centro da cidade, sobretudo nas ruas Floriano Peixoto, Major Facundo, Guilherme Rocha, Senador Pompeu, General Sampaio e Vinte Quatro de Maio. Eles são donos e ao mesmo tempo trabalhadores de restaurantes, lanchonetes e lojas que comercializam produtos baratos e importados. Destacam-se como local de moradia e consumo os bairros Centro, Aldeota, Mucuripe e Meireles.

Este contexto reforça nossa hipótese de que a análise migratória realizada a partir da Geografia permite compreender por um lado, o papel dos territórios na divisão territorial do trabalho; os agentes e as escalas que são entrelaçadas neste movimento; e ao mesmo tempo afirmar que hoje, inseridos no período da globalização, os migrantes chineses exercem atividades que estão vinculadas ao circuito inferior e superior marginal, existindo entre eles uma vinculação direta.

## 7. Referências bibliográficas

BAENINGER, Rosana. O Brasil na rota das migrações latino-americanas. In: Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.) – Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012. 316p.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Explorações geográficas: percursos no fim do século (organizadores). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOMTEMPO, Denise Cristina. Os Sonhos da migração: um estudo dos japoneses e seus descendentes no município de Álvares Machado - SP. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Presidente Prudente, 2003.

CHEN, Miao Shen. Cultura e Educação dos Imigrantes Chineses na Cidade de Cascavel/PR: dois mundos, um mesmo objetivo. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História da Educação Brasileira para obtenção do título de especialista em História da Educação Brasileira da Univ. Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Campus Cascavel, 2010.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Urbanização da sociedade cearense. In: DAMIANI, Amélia Luisa; CARLOS, Ana Fani Alessandri; SEABRA, Odette. O espaço no fim de século: a nova raridade. São Paulo: Contexto, 1999 (p. 100 -117).

CUNHA, Neiva Vieira da; MELLO, Pedro Paulo Thiago de. Libaneses e Chineses: sucessão, conflito e disputa numa rua de comércio do Rio de Janeiro. Anuário Antropológico/2005 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006, p. 155-169.

GAUDEMAR, Jean Paul de. Mobilidade do trabalho e acumulação do capital. Lisboa: Estampa, 1977.

GOETTERT, Jones Dari. Paradoxos do lugar mundo: brasileiro e identidades. In: SPOSITO, Eliseu Savério; BOMTEMPO, Denise Cristina; SOUSA, Adriano Amaro (org.). Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. A fronteira como dispositivo de poder, de controle e de identidade (considerações iniciais). Geografia em questão. V 04. Nº 02. 2011.

HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

HEIDEMANN, Dieter. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Migrações: discriminação e alternativas. São Paulo: Paulinas/ SPM, 2004.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS – IMDH. Disponível em: <http://www.migrante.org.br/migrante/>. Acesso em 26 de março de 2013, às 19 horas e 44 minutos.

MONTENEGRO, Marina Regitz. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. Boletim Campineiro de Geografia. Vol. 3, n. 1, 2013.

RAVENSTEIN, E. G. (1889) "The laws of Migration". In: Journal of the Royal Statistical Society. Vol 52 (2), p. 241-305.

SANTOS, Marlon Cavalcante; SILVA, Eciane Soares Da. Economia urbana no centro de Fortaleza: os circuitos superior e inferior como agentes construtores do espaço urbano. XIII SIMPURB. UERJ. Rio de Janeiro. 2013.

SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. Os tempos e os territórios da colonização italiana. Porto Alegre: EST Edições, 2002 (1996).

\_\_\_\_\_. Abordagens e concepções de território. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração: ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: editora EDUSP, 1998.

SILVA, Antônio Sidney Da. Bolivianos em São Paulo: dinâmica cultural e processos identitários. In Imigração Boliviana no Brasil / Rosana Baeninger (Org.). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; FAPESP; CNPq; Una a, 2012.

SILVEIRA, M. L. Crises e paradoxo das cidades contemporâneas: os dois circuitos da economia urbana. In: PEREIRA, Elson Manoel; DIAS, Leila Christina Duarte (org.). As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro. Florianópolis: Insular, 2011.

\_\_\_\_\_. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. Caderno CRH, Salvador, vol. 22, n. 55, p. 65-76, Jan/Abr. 2009.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: Economia Política da Urbanização. São Paulo: Contexto, 1998.

VILELA, Elaine Meire. Imigração Internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro. Tese de Doutorado em Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.